

PERFORMANCE POLÍTICO-NARRATIVA

André Ribeiro Passos de Arruda

Political-Narrative Performance (eng)

O conceito de performance político-narrativa apresenta-se como uma série de atos intencionais que contém e representam narrativas, que possibilitam a apresentação de conteúdos a um público, com o qual se pretende interagir comunicativamente e afetá-lo, produzindo reações, nos mais diversos aspectos e âmbitos da vida social, política e cultural, pensando estes como interligados, visando mudanças no posicionamento de determinados públicos, adesão e simpatia a causas e visibilização de demandas, assim como posicionar-se, comunicando posicionamentos contrários e a favor de medidas governamentais e de instituições do mercado e da sociedade civil organizada.

Essas performances compreendem mensagens estruturadas, apresentando narrativas entendidas em chave política, como políticas de resistência, que podem ensejar uma dimensão lúdica e subversiva da experiência em estado “liminoide, por serem [atos] coletivos, críticos e à margem do sistema (TURNER, pp. 26,74,75).

Como performance tomamos de empréstimo a elaboração de Richard Bauman (apud, da Silva, 2018), em que “[...] a noção de performance compreende ‘um modo de comunicação verbal que consiste na tomada de responsabilidade, de um performer, para uma audiência, através da manifestação da sua competência comunicativa’[...]”.

São experiências narrativas específicas, na sua intencionalidade e função, pois encontram-se deslocadas do restante do universo comunicativo comercial, mercadológico e dos grandes meios de comunicação. O locus desse tipo de performance são situações de resistência, de manifestação, de desagravo contra um sistema de poder e a figuras específicas deste sistema.

As manifestações políticas massivas, aquelas que reúnem centenas, milhares de pessoas em lugares públicos, que formal ou informalmente, tem a intenção de agregarem-se, portando uma série de elementos visuais, que os identificam entre-si, demonstrando que aquele amalgama de corpos humanos possui objetivos em comum, lançando mão de um conjunto de estratégias para dar cabo de seus feitos, assumindo riscos à sua integridade física e, em determinados contextos histórico-políticos, até mesmo de morte.

Compreendem toda uma forma particular de performatizarem essas narrativas, aprendidas coletivamente, durante e no decurso de sucessivos atos e em práticas anteriores e externas aos próprios atos narrativos. Em suportes como faixas, bandeiras, peças de vestuário, como roupas ou adereços, que portam mensagens escritas, em frases e palavras de ordem, ou também em forma de símbolos ou siglas de agremiações, partidos ou coletivos. A postura e posicionamento dos corpo, os gritos de guerra e músicas, contendo mensagens afins ao contexto das manifestações, compõem as performances. O uso de instrumentos e acompanhamento musical pode ser mais um elemento a compor a performance, como parte da narrativa.

A reprodução de imagens captadas e editadas das performances narrativo-políticas representam performances em si pois, uma vez veiculadas nas mídias digitais e repassadas nas redes sociais de simpatizantes, mantêm suas qualidades performáticas.

As performances político-narrativas presenciais, criaram precedentes à ressignificação das formas de protesto programadas para ocorrerem em locais específicos, de forma a maximizar seu impacto comunicativo-midiático, a exemplo de ações de grupos como o Greenpeace, que planejam as ações antevendo a captação e dispersão midiáticas de suas performances.

Há ações outras que são pensadas para serem filmadas e editadas, com a intenção de serem diretamente veiculadas nas mídias sociais, como Instagram, Facebook etc. Estas elaboradas previamente, desde a concepção à criação de novas performances, coreografadas, dirigidas e executadas pensando no público das redes midiáticas sociais. Performances estas que independem das massas presentes, mas objetivam a audiência das massas espectadoras e podem conter intencionalidades artístico-políticas.

Todos esses formatos representam arranjos performáticos capazes de expressar ideias, formas de ser estar e viver em sociedade, compartilhados por grupos em diferentes graus de organização, com maior ou menor coesão interna, mas que expressão sua vontade de participar do jogo político de dos processos decisórios. Podemos entender estes grupos como participantes de “subsistemas de cultura expressiva” (TURNER, 2015, P.26) que ajudam a pensar os sistemas ideológicos como gêneros narrativos e os movimentos políticos como subsistemas de cultura expressiva (TURNER, 2015) e seus atos reivindicatórios como performances político narrativas dos corpos.

Estes coletivos de indivíduos reagem às formas de exclusão e violência infligidas contra eles próprios ou solidarizando-se aos grupos marginalizados, porém não de maneira impune. As formas de poder, repressão e violência antecedem e sucedem os atos performáticos. Os atos performáticos podem ser entendidos tanto como ação quanto reação e compreendem um complexo de estratégias de resistência. No âmbito destas “Micropolíticas de resistência” (FOUCAULT, 1987), num embate entre “poderes disciplinares” e as formas de resistência contrapostas (FOUCAULT, p.p. 160 -161, 1987), podemos observar relações de poder num jogo político em que ambas as partes, embora em desigualdade de recursos e de gozo da infraestrutura institucional, fazem parte, em campos opostos, de um mesmo âmbito político-comunicativo.

Portanto performances, também político-narrativas, sejam as do Estado, dos grupos dominantes no campo político, via recursos midiáticos oficiais ou apócrifos, em que a visão institucionalizada sobre aqueles que performatizam resistências à ordem vigente, também são produzidas. Embora as performances narrativo-políticas de resistência possam exercer “O fascínio do rebelde” (ECO, p.181, 2007), as contra-narrativas performatizadas em contrário evocam “(...)a demonização do inimigo, que ganha características satânicas.” (ECO, p.185, 2007).

A narrativa que se estabelece sobre os excluídos, no processo de ascensão da burguesia, a partir do século XIX, no ocidente, é a de repulsa e medo da também nova classe do proletariado urbano, muito embora ambas as classes nascentes façam parte da mesma *historiogênese*, é estabelecida uma lógica dialética entre “Estabelecidos e Outsiders” (ELIAS, p.253,1993), como se aquela que define as regras do jogo, precedesse a que se submete às novas regras do jogo econômico, em que os excluídos são “O corpo explorado como representação do mal” (ADORNO;HORKHEIMER, P.191,1985), com o efeito sobre dominante de que “(...)Na

vida cotidiana somos cercados por espetáculos horríveis(...)" (ECO, p.436, 2007), produzidos pela visão da masa urbana de miseráveis.

As performances político-narrativas podem apresentar indicadores relevantes da multiplicidade de interesses em jogo, no campo político de uma determinada sociedade, assim como podem conter importantes elementos representativos dos diversos grupos ideológicos que compõem os campos tanto de resistência, dos excluídos, que buscam mais visibilidade e representatividade social e política, quanto daqueles grupos dominantes politicamente, que também performatizam a legitimidade da sua dominância política e econômica.

Assuntos Relacionados: Performance Narrativa; Identidade; Relação Ritual X Teatro; Segregação Social Urbana; Ação Comunicativa; Ação Política X Ação Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**; tradução, Guido Antônio Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ECO, Umberto. **História da Feiúra**. tradução; Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: ed Zahar, 1993, vol.2.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução: Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

DA SILVA, Rubens Alves. **Performances narrativas nos quilombos do Alto Vale Ribeira**. In; Antropologia e Performance: ensaios napedra. Org.: John Dawsey; Regina Moller; Mariana Monteiro [et. Al.]. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

TURNER, Victor W., **Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar**; tradução; Michele Markowitz e Juliana Romeiro; revisão técnica: Antônio Holzmeister Oswald Cruz. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

OUTRAS REFERÊNCIAS

BAUMAN, Richard. **Verbal Arts as Performance**. Long Grove: Waveland, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.